

BRASÍLIA

Espaço e Democracia

Escala da arquitetura, uma questão política

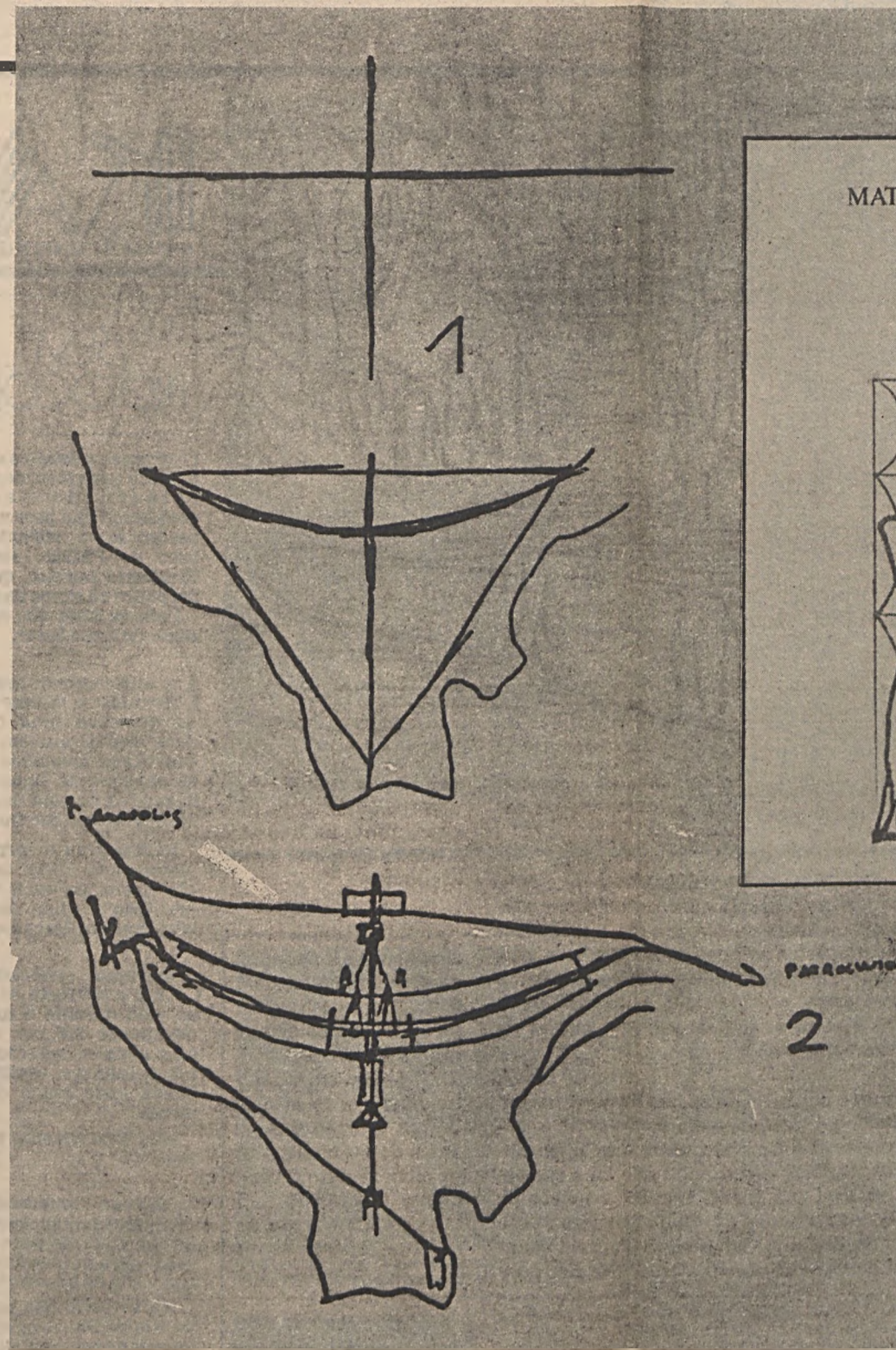
SEVERINO FRANCISCO
Da Editoria de Cultura

Brasília continua sendo uma cidade sob o fogo cruzado da polêmica. E, na medida em que houver uma ocupação democrática da cidade, na medida em que Brasília afirmar a cidade/urbis sobre a paisagem, a polêmica será ainda mais intensa. Mesmo porque o debate sairá dos limites do intelectual para entrar no espaço do político a nível de decisões de poder. Nada mais político do que a arquitetura. Durante a "Semana sobre a Constituinte", promovida pela UnB, o arquiteto/professor Matheus Gorovith lançou mais um livro que reacenderá a polêmica sobre a cidade: **Brasília: uma Questão de Escala**.

Só que, desta vez, trata-se de uma visão favorável ao projeto arquitetônico de Brasília. E, para formular a sua tese, Matheus tomou como referência uma das críticas mais freqüentes: a de que Brasília seria um mero rebatimento dos princípios do movimento moderno internacional, codificados na "Carta de Atenas". Ao fazer uma crítica

das cidades convencionais, o grupo de arquitetos responsável pela formulação dos princípios da "Carta de Atenas", reivindicava a organização das cidades de acordo com as suas funções básicas: habitar, trabalhar, circular e se recrear. Em **Brasília: Uma Questão de Escala**, Matheus faz um estudo comparativo entre dois projetos para cidades-capitais: o de Le Corbusier para Chandigarth (capital da Índia) — e o de Lúcio Costa para Brasília. O objetivo é demonstrar que o projeto de Brasília não se limita a ser um mero rebatimento dos princípios da Carta de Atenas.

Matheus sustenta que o projeto de Lúcio Costa, embora calcado nos princípios do movimento moderno da arquitetura internacional — e especialmente da arquitetura francesa — seria uma superação crítica destes princípios, na medida em que incorpora uma nova escala: a escala monumental, a escala da cidadania, a escala política do cidadão. Brasília não nega os princípios da "Carta de Atenas" — habitar, trabalhar, circular, recrear — mas lembra que existem outros: "Em



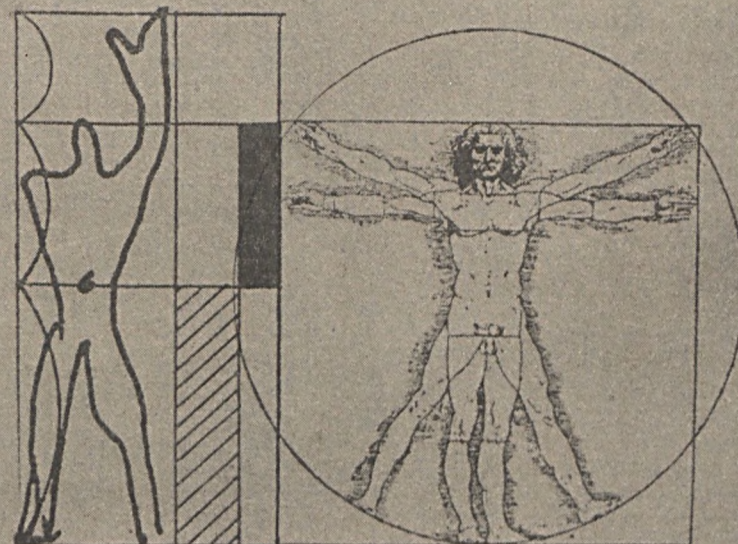
Brasília a questão da cidadania comparece na medida em que se propõe não só como **urbis**, mas também como **civitas**. A **urbis** é a proposta da cidade como expressão da vida cotidiana — e a **civitas** do homem como ser coletivo. Uma cidade como Brasília passa a ser expressão do individual e do coletivo". E Matheus aproveita para citar um pequeno trecho de Lúcio

Costa: "Os interesses do indivíduo nem sempre coincidem com os interesses do coletivo. Cabe ao urbanista resolver esta questão fundamental".

Em Chandigarth, Le Corbusier define a cidade a partir dos aspectos funcionais. O sistema viário passa a ser a referência para a organização dos espaços. A primeira referência do projeto é essencialmente técn-

ca. E quando Le Corbusier tem de dar uma expressão política, ele resolve a questão criando um centro político nas margens da cidade. Enquanto, no caso de Brasília, Lúcio Costa parte do reconhecimento da expressão política da cidade, criando dois eixos de suporte: um para a **urbis** — e outro para a **civitas**, através da escala monumental. "Para Le Corbusier, a escala é

MATHEUS GOROVITZ **BRASÍLIA
UMA QUESTÃO
DE ESCALA**



projeto

concebida como natureza, necessidade biológica. Para Lúcio Costa, além de ser natural, o homem é um ser que tem uma história". A escala monumental é um dos pontos mais polêmicos no debate sobre a arquitetura de Brasília. Existe uma crítica do monumental precisamente como a negação do indivíduo, o ponto de cisão entre indivíduo e coletivo. Vinte e cinco anos depois da sua inauguração, como esta questão se manifesta no cotidiano da cidade? Segundo Matheus Gorovith, a escala monumental está incorporada no cotidiano da cidade, está incorporada nas relações do cidadão com Brasília. E cita um exemplo: "O Eixo Monumental em frente ao Congresso começa a ser um local onde diversos segmentos da população brasileira encontram espaço para as suas reivindicações. Diversos grupos acamparam por lá para reivindicar. É um espaço de exercício da cidadania. O Governador pode proibir a utilização do espaço. Isto é outra questão. Mas não se pode trancar um espaço daqueles com chave. A arbitrariedade da decisão fica evidente porque o espaço de expressão do coletivo está lá. E

um dos espaços mais expressivos da cidade".

Entretanto, Matheus admite: a articulação entre os espaços cotidianos e espaços coletivos em Brasília é pequena. Com isto, a cidade perde em intimidade. "Há que se perguntar se não há uma possibilidade de convivência de maneira tão articulada quanto uma cidade como Paris". Agora, Brasília começa também a se afirmar em termos culturais através de múltiplas manifestações. Matheus estabelece uma relação entre a escala de manifestações artísticas da cidade e o espaço da arquitetura: "Brasília permite um grande mergulho no individual. Mas ao mesmo tempo, aqui o ser individual não escapa da consciência de ser social. O espaço da cidade te joga isto na cara". Matheus faz questão de deixar claro: a sua tese limita-se a uma questão de Brasília: a escala. A cidade é vulnerável a críticas em outros aspectos: "A especialização de setores de Brasília é algo que deve ser revista. Quem trabalha em um banco só fica em determinados espaços. E como na época da escravidão. Isto empobrece a relação urbana".